



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

PRÓ- REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E À DISTÂNCIA

CAMPUS I

CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA PARFOR/ CAPES

SIMONE FIRMINO BORGES

**ATIVIDADES FÍSICAS PARA CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN: UM
RELATO DE EXPERIÊNCIA**

CAMPINA GRANDE – PB

2019

SIMONE FIRMINO BORGES

**ATIVIDADES FÍSICAS PARA CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN: UM
RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Relato de Experiência) apresentado à Coordenação do Curso de Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

Orientadora: Prof^ª. Me. Anny Sionara Moura Lima Dantas

CAMPINA GRANDE- PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B732a Borges, Simone Firmino.
Atividades físicas para crianças com síndrome de down
[manuscrito] : um relato de experiência / Simone Firmino
Borges. - 2019.
23 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação EAD em
Educação Física) - Universidade Estadual da Paraíba, EAD -
Campina Grande , 2019.
"Orientação : Profa. Ma. Anny Sionara Moura Lima Dantas
, Departamento de Educação Física - CCBS."
1. Educação física. 2. Atividade física. 3. Síndrome de
down. I. Título

21. ed. CDD 796

SIMONE FIRMINO BORGES

ATIVIDADES FÍSICAS PARA CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN: UM
RELATO DE EXPERIÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso (Relato de Experiência) apresentado à Coordenação do Curso de Educação Física da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

Aprovada em: 09/11/2019.

BANCA EXAMINADORA

Anny Sionara M. L. Dantas

Prof^a. Me. Anny Sionara Moura Lima Dantas (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba

Alexandre de Souza Cruz

Prof. Esp. Alexandre de Souza Cruz (Examinador)

PMCG

Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

Prof^a. Me. Mônica de Fátima Guedes de Oliveira (Examinadora)

Universidade Estadual da Paraíba

AGRADECIMENTOS

Gostaria primeiramente de agradecer a Deus pelo dom da vida e por ter me concedido sabedoria e direcionamento para seguir essa profissão que tanto amo e que tanto me inspira.

À minha filha Demy Dalila por sempre me apoiar em todos os âmbitos da minha vida, por ser minha luz e inspiração. Por todas as experiências e conhecimentos compartilhados sobre a vida acadêmica. Amo-te minha princesa.

Ao meu esposo Daniel por ser meu companheiro em todos os momentos da minha vida. Te amo.

Ao professor Isáfas Farias por ter se apresentado tão solícito durante as minhas intervenções.

À Valéria e Vadelma por permitirem que eu desenvolvesse as aulas em sua instituição.

À minha orientadora Anny Sionara por todo auxílio e dedicação.

Aos alunos do 1º ano por me receberem tão bem e serem tão carinhosos, em especial à I.A.A.N.

“N3o importa que uma criança aprenda devagar. O que importa 3 que a encorajemos a nunca desistir.”

Robert John Meehan

ATIVIDADES FÍSICAS PARA CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Simone Firmino Borges*

RESUMO

A síndrome de Down é uma condição genética, reconhecida há mais de um século por John Langdon Down, que constitui uma das causas mais frequentes de deficiência mental. Também conhecida como “Trissomia 21”, essa síndrome faz parte do grupo das encefalopatias não progressivas. A educação física é apontada como parte de integração e socialização dos alunos com deficiência, além de promover maior consciência corporal e autonomia. O presente estudo é caracterizado por um relato de experiência com caráter descritivo e qualitativo cujo objetivo principal é relatar minhas experiências com atividade física para uma criança com síndrome de Down em uma escola privada na cidade de Fagundes- PB. As conclusões obtidas a partir desse relato de experiência podem auxiliar outros professores de educação física infantil, abrindo seus horizontes para uma nova abordagem e novas possibilidades, bem como auxiliar na melhora de aspectos psicomotores nessas crianças.

Palavras- chave: Atividade Física. Síndrome de Down. Educação Física Escolar.

*Graduanda em Educação Física, Licenciatura pela Universidade Estadual da Paraíba

PHYSICAL ACTIVITIES FOR CHILDREN WITH DOWN SYNDROME: AN EXPERIENCE REPORT

Simone Firmino Borges

ABSTRACT

Down syndrome is a genetic condition recognized over a century ago by John Langdon Down, which is one of the most frequent causes of mental disability. Also known as “Trisomy 21”, this syndrome is part of the group of non- progressive encephalopathies. Physical education is pointed as part of integration and socialization of students with disabilities, besides promoting greater body awareness and autonomy. The present study is characterized by a descriptive and qualitative experience report whose main objective is to report my experiences with physical activity to a child with Down syndrome in a private school in the city of Fagundes-PB. Conclusions from this experience report may help other child physical education teachers, opening their horizons for a new approach and new possibilities, as well as helping to improve psychomotor aspects in these children.

Keywords: Physical Activities. Down Syndrome. Child Physical Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 OBJETIVOS	9
2.1 OBJETIVO GERAL.....	9
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	9
3 APORTE TEÓRICO.....	10
3.1 SÍNDROME DE DOWN: CONCEITO.....	10
3.2 ATUAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN.....	11
3.3 COORDENAÇÃO MOTORA E SÍNDROME DE DOWN.....	13
4 METODOLOGIA.....	14
5 RELATO DE EXPERIÊNCIA	15
5.1 LOCAL DA EXPERIÊNCIA.....	15
5.2 ATIVIDADES REALIZADAS.....	15
5.2.1 CONHECENDO A CRIANÇA.....	15
5.2.2 MINHA INTERVENÇÃO COM A CRIANÇA.....	16
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
REFERÊNCIAS.....	19
APÊNDICE.....	23

1.0 INTRODUÇÃO

A síndrome de Down é uma condição genética, reconhecida há mais de um século por John Langdon Down que constitui uma das causas mais frequentes de deficiência mental. Down apresentou uma cuidadosa descrição clínica da síndrome, entretanto erroneamente estabeleceu associações com caracteres étnicos, seguindo a tendência da época, chamando inadequadamente de idiotia mongoloide.

Também conhecida como “Trissomia 21”, essa síndrome faz parte do grupo das encefalopatias não progressivas, isto é, que à medida que o tempo passa não apresenta acentuação da lentidão do desenvolvimento. Ou seja, o sistema nervoso central de uma criança com Down continua seu processo de amadurecimento, assim como naquelas sem SD, porém de uma forma mais lenta.

Os distúrbios associados à Síndrome de Down (SD) podem interferir na aquisição motora, tornando as crianças mais frágeis ao aprendizado, o atraso no desenvolvimento da motricidade fina e global está altamente correlacionado à hipotonia, bem como a outras áreas do desenvolvimento, como o cognitivo e a aquisição da fala.

Visto isso, a Educação Física compreende uma série de conteúdos que se organizados de forma adequada, possibilita ao aluno com deficiência a compreensão de suas limitações e capacidades, auxiliando na busca de um melhor desempenho nas atividades, promovendo autonomia e desenvolvimento da consciência corporal.

No aspecto físico, a Educação Física pode favorecer o desenvolvimento da consciência corporal, de habilidades e capacidades, bem como reflexões sobre as possibilidades de movimento de cada aluno. No âmbito psicológico, há a melhora da autoestima, a diminuição dos sintomas depressivos e do nível de ansiedade. Por fim, no contexto social, a possibilidade do aluno com deficiência participar das atividades com os colegas, favorece as relações afetivas além de contribuir com o respeito pelas diferenças.

Tendo em vista a importância da estimulação sensorial e motora para o adequado desenvolvimento da criança, no ambiente escolar e domiciliar, assim como de uma assistência multidisciplinar, a importância do presente projeto gira em torno de proporcionar uma nova perspectiva, uma nova intervenção nas aulas de educação física infantil com uma criança diagnosticada com Síndrome de Down na cidade de Fagundes- PB.

2.0 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Relatar minhas experiências com atividade física para uma criança com síndrome de Down em uma escola privada na cidade de Fagundes- PB.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Observar o desenvolvimento motor e psicossocial de uma criança com síndrome de Down;
- Realizar intervenções nas aulas de educação física através de atividades lúdicas;
- Estimular a coordenação motora de uma criança com síndrome de Down durante as aulas de educação física.

3 APORTE TEÓRICO

3.1 SÍNDROME DE DOWN: CONCEITO

A síndrome de Down é uma condição genética, reconhecida há mais de um século por John Langdon Down, que constitui uma das causas mais frequentes de deficiência mental. Down apresentou uma cuidadosa descrição clínica da síndrome, entretanto erroneamente estabeleceu associações com caracteres étnicos, seguindo a tendência da época, chamando inadequadamente de idiotia mongoloide. (MOREIRA; EL-HANI; GUSMÃO, 2000)

Em seu estudo “Observations on an Ethnic Classification of Idiots” (1866) Langdon Down afirma que a síndrome é sempre congênita e nunca decorrente de algum acidente pós-vida uterina, o autor afirma ainda que crianças que nasceram com síndrome de Down (SD) necessitam de uma alimentação específica, apresentam uma fala mais espaçada, mas que pode ser melhorada com um esquema adequado de exercícios para desenvolver a articulação das palavras, são boas com imitação, são animadas e afetuosas e apresentam déficit na coordenação motora, mas que também pode ser melhorado com um treinamento especializado.

Segundo Beatriz Helena Lefèvre (1988) a “Síndrome de Down” ou “Trissomia 21” faz parte do grupo das encefalopatias não progressivas, isto é, que à medida que o tempo passa não apresenta acentuação da lentidão do desenvolvimento. Ou seja, o sistema nervoso central de uma criança com Down continua seu processo de amadurecimento, assim como naquelas sem SD, porém de uma forma mais lenta. Essa Trissomia 21 simples é causada por uma não disjunção cromossômica, geralmente de origem meiótica (BULL, 2011; KOZMA, 2007) e, em alguns casos mais raros, decorrente do mosaïcismo somático (disfunção genética) ou simplesmente da translocação deste cromossomo. (SILVA; DESSEN, 2002)

A síndrome de down ainda causa comprometimento intelectual com graus variáveis de dificuldades físicas e cognitivas, bem como outros problemas de saúde a exemplo das cardiopatias congênitas; hipotonia; problemas de audição; de visão; alterações na coluna cervical; distúrbios da tireoide; problemas neurológicos e obesidade. (COOLEY; GRAHAM apud MATOS et al., 2007)

3.2 ATUAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN

A educação física compreende múltiplos campos de atuação a serem contemplados pelas suas atividades, incluindo desde ginásios de treinamento esportivo de alto rendimento às clínicas de saúde e instituições educacionais. (CARVALHO, 2014)

O autor Daólio (1996) propõe que, a partir do contexto de vida e conhecimento prévio do aluno sobre a cultura corporal e suas diversas possibilidades de expressão, as aulas de educação física devem ser capazes de proporcionar ao aluno organização, expansão e desenvolvimento da autonomia crítica sobre os temas da área.

Em acréscimo, Betti e Zuliani (2002) destacam que para que o aluno consiga usufruir das aulas de educação física escolar e desenvolver, simultaneamente, um conhecimento crítico que os possibilite não apenas reproduzir, mas também transformar e produzir novos dados da cultura corporal de movimento é indispensável o respeito e a consideração aos interesses, à individualidade e aos sentimentos do aluno acerca dos diferentes temas, assim como às diferentes dimensões (como a afetiva, social, cognitiva, motora e psicológica).

Segundo o professor Sidney Rosadas (1991) há algumas metas na educação física inclusiva que devem ser priorizadas para que haja sucesso na ministração das aulas, sendo elas: o estímulo ao desenvolvimento seja ele físico, intelectual ou social; possibilitar ao aluno condições para desenvolver seu potencial criativo e espontâneo, promovendo integração e estimulando seu interesse e participação nas aulas; simular situações que assemelhem-se às cotidianas, preparando para o convívio social e para as responsabilidades futuras; e por último, mas não menos importante, trabalhar em associação direta com uma equipe multidisciplinar, uma vez que, os educadores têm que observar o aluno de forma global, medindo as características afetivo-sociais, cognitivas e psicomotoras.

De acordo com Bonomo e Rosseti (2010) são adquiridas na infância grandes habilidades motoras, que proporcionam um controle corporal maior em diversos movimentos e em tarefas diárias. As experiências da criança permitem que a mesma tenha seu desenvolvimento facilitado, ou seja, quanto mais estimulada sensorial e fisicamente, em um ambiente adequado, confortável e harmonioso, maiores são as probabilidades de que ela seja mais aberta socialmente e tenha um desenvolvimento adequado para sua idade e até mesmo otimizado.

Nesse aspecto, a educação física (EF) é apontada como parte da integração e socialização dos alunos com deficiência (CHICON, 2008) e ao professor cabe, juntamente com os familiares e toda a comunidade escolar, ser mediador na inclusão, vencendo as diferenças no que se refere às interações com o outro, com o objeto de aprendizagem e à prática pedagógica. (SILVA, 2013)

Além disso, a EF compreende uma série de conteúdos (DARIDO; JUNIOR, 2007) que se organizados de forma adequada, possibilita ao aluno com deficiência a compreensão de suas limitações e capacidades, auxiliando na busca de um melhor desempenho nas atividades, promovendo autonomia e desenvolvimento da consciência corporal. (AGUIAR; DUARTE, 2005; BIAVATTI, 2012)

Em adição, Rouse (2010) afirma que pode haver um estímulo benéfico para ambas as partes, aqueles com deficiência e aqueles sem, e também um auxílio na habilidade de interação entre os mesmos, além de incitar melhoria na socialização no ambiente exterior à escola, proporcionar aos alunos sem deficiência o aprendizado da convivência, do respeito e o auxílio às pessoas com deficiência quando necessário, estimular o desenvolvimento da tolerância, do respeito e dos valores éticos, e possibilitar o desenvolvimento das habilidades motoras, da autoestima e do autoconceito dessas pessoas.

Além das questões com ênfase motora, o aluno com Síndrome de Down pode apresentar ainda dificuldades na fala e na comunicação com os demais. Essas características, associadas à hipotonia muscular a qual diminui a intensidade das expressões faciais e emocionais, exigem constante atenção do professor para identificar se a atividade está sendo adequada e também prazerosa ao aluno. Quanto a essa questão, o estímulo proporcionado pelo professor para que o aluno com a Síndrome se comunique e utilize diversas formas de expressão com os demais da turma, pode facilitar o desenvolvimento da comunicação e socialização deste. (GORGATTI; COSTA, 2005)

3.3 COORDENAÇÃO MOTORA E SÍNDROME DE DOWN

Os distúrbios associados à Síndrome de Down (SD) podem interferir na aquisição motora, tornando as crianças mais frágeis ao aprendizado, o atraso no desenvolvimento da motricidade fina e global está altamente correlacionado à hipotonia, bem como a outras áreas do desenvolvimento, como o cognitivo e a aquisição da fala. (TECKLIN, 2002)

O achado mais frequente encontrado no portador da SD é a hipotonia muscular generalizada, estando presente em 100% dos casos desde o nascimento até a adolescência. (MOREIRA; EL- HANI; GUSMÃO, 2000) A hipotonia, sobretudo da musculatura do tronco, tem como principais consequências as alterações de equilíbrio dinâmico e de controle postural, além de complicações motoras como lentidão em se adaptar à tarefa e às mudanças do ambiente e menor capacidade de realizar ajustes posturais antecipatórios. (MENEGUETTI et al., 2009)

Em virtude dessa alteração no tônus muscular, o desenvolvimento motor inicial é mais lento, atrasando os principais marcos do DNPM como controlar a cabeça, rolar, sentar, arrastar, engatinhar, andar e correr, comprometendo assim suas experiências exploratórias do meio. (PAZIN; MARTINS, 2007)

Em um estudo publicado em 2009 com 20 crianças com síndrome de Down (SD), centrado na avaliação do perfil cinestésico- corporal e no estabelecimento de parâmetros cognitivos- motores para fundamentar práticas heterogêneas pedagógicas de ensino e de avaliação voltadas para a inclusão social de crianças com necessidades educacionais especiais, Britto et al. (citado por ANUNCIACÃO; COSTA; DENARI, 2015) verificaram que as crianças com SD apresentaram dificuldades na realização de tarefas de coordenação motora fina. Outra observação apresentou que há relação entre a hipotonia característica dessas crianças e esse déficit na coordenação, reforçando a importância de uma intervenção precoce voltada para esses aspectos, uma vez que eles interferem na realização adequada de determinadas atividades.

Outro aspecto inerente àqueles com SD que pode contribuir negativamente, dificultando a aquisição e aperfeiçoamento das habilidades motoras locomotoras e estabilizadoras, e que pode ser percebida principalmente em crianças, é o andar característico causado pela anteroversão pélvica e larga base de apoio com os pés voltados para fora e joelhos genovaros. (COPETTI et al., 2007)

4 METODOLOGIA

O presente estudo é caracterizado como sendo um estudo de caso com caráter qualitativo, uma vez que, assim como apresentado por Moreira (2002, p.43) a pesquisa qualitativa refere-se a “uma estratégia de campo, que combinam ao mesmo tempo a participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas informais e análise documental”.

Realizado na escola privada Centro Educacional Pequeno Aprendiz, situada na Rua Engenheiro Edmundo Borba, nº 72, centro, Fagundes- PB, com uma população de 15 alunos matriculados no ensino fundamental I (turma de 1º ano), dentre eles a aluna I.A.A.N., 7 anos de idade, diagnosticada com síndrome de Down, que será o foco da pesquisa.

Os primeiros dois encontros aconteceram no mês de agosto, nas sextas a tarde que é o turno das aulas de educação física nessa instituição, apresentando um caráter observacional, durante os quais aspectos como interação social, habilidades cognitivas e motoras eram observados, a contribuição da pedagoga e do profissional de Educação física responsável, Isaías (licenciado e bacharelado em Educação Física pela Universidade Estadual da Paraíba), foi de extrema importância para ter uma noção do perfil da aluna em questão.

Os demais encontros aconteceram no mês de setembro com o objetivo de desenvolver atividades diferentes das já realizadas durante as aulas de educação física, ou seja, apresentar novas possibilidades visando promover uma melhor adaptação, conforto e desenvolvimento físico e psicossocial da criança com síndrome de Down e como auxílio foi criado um plano de aula com a temática: brincadeiras cantadas.

5 RELATO DE EXPERIÊNCIA

5.1 LOCAL DA EXPERIÊNCIA

A escola Centro Educacional Pequeno Aprendiz é uma instituição privada, fundada a cinco anos e está localizada na Rua Engenheiro Edmundo Borba, nº 72, centro, Fagundes-PB. Conta com uma média de 100 alunos distribuídos entre a educação infantil e ensino fundamental I e encontra-se sob a direção de Valéria Figueiredo e Vadelma Vidal.

5.2 ATIVIDADES REALIZADAS

5.2.1 CONHECENDO A CRIANÇA

Os primeiros dois encontros aconteceram no mês de agosto, nas sextas a tarde que é o turno das aulas de educação física nessa instituição, apresentando um caráter observacional, durante os quais aspectos como interação social, habilidades cognitivas e motoras eram observados, a contribuição dos pedagogos e do profissional de Educação física responsável, Isaías (licenciado e bacharelado em Educação Física pela Universidade Estadual da Paraíba), foi de extrema importância para ter uma noção do perfil da aluna em questão.

As aulas de educação física duravam em média 40 minutos durante os quais atividades como circuito de 5 estações e brincadeiras como morto- vivo eram realizadas, além do uso de materiais como arcos, cones e escada de agilidade. No que diz respeito a esses exercícios a aluna I.A.A.N. apresentava dificuldades na compreensão das instruções de como realizá-lo, déficit de equilíbrio e coordenação, fato que limita a execução de alguns movimentos, sente-se insegura em realizar o circuito sozinha, mas conta com o apoio e incentivo do professor e dos demais alunos. Além disso, não apresenta muita resistência física e por isso cansa mais rápido que as demais, precisando fazer uma pausa para descansar e em seguida voltar a aula.

No aspecto social, a aluna apresenta uma relação bastante afetuosa com seus colegas de sala e professores, mas em raros momentos exhibe comportamento indisciplinado, puxando o cabelo das colegas, derramando água das garrafinhas ou desorganizando o material utilizado no circuito funcional. Quando repreendida, pede desculpas através de abraços, uma vez que sua comunicação oral limita-se a poucas palavras e só quando ouve alguém falando primeiro, mostrando um atraso no desenvolvimento neuropsicomotor em virtude da falta de estimulação e atenção adequada desde os primeiros momentos de vida.

5.2.2 MINHA INTERVENÇÃO COM A CRIANÇA

Os encontros que aconteceram no mês de setembro tiveram como objetivo desenvolver atividades diferentes das já realizadas durante as aulas de educação física, ou seja, apresentar novas possibilidades visando promover uma melhor adaptação, conforto e desenvolvimento físico e psicossocial da criança com síndrome de Down.

Visto isso, a proposta foi utilizar a temática brincadeiras cantadas a partir dos benefícios da dança, uma vez que, através dela trabalhamos todas as formas de movimentação do corpo, expressamos nossos sentimentos, exercitamos a memorização, a atenção e a socialização entre as crianças. A dança é um dos meios mais eficazes de se trabalhar o movimento na educação infantil. (CINTRA; OLIVEIRA; VEIGA, 2015)

Uma maneira bem eficiente de se trabalhar a dança com as crianças com síndrome de Down é utilizá-la com um componente educacional e recreativo, contribuindo com o estabelecimento da saúde, aptidão física, autoconfiança, equilíbrio emocional, integração social, dentre outros. O fato da dança não se preocupar com técnicas e regras, mas permitir liberdade de expressão e de movimentos a torna adaptável e estimulante. (LIMA; BOSQUES, 2010, p. 01)

Foram realizados quatro encontros durante o mês de setembro que ocorreram no pátio da escola. O primeiro momento foi dedicado a apresentar a proposta às crianças que se mostraram surpresas com a mudança de temática, algumas até questionaram se a dança fazia parte da educação física, pois ainda são muito novos (5- 6 anos de idade) e a maioria estava tendo o primeiro contato com a prática naquele ano letivo.

A aluna I.A.A.N. diferente de muitos dos seus colegas estudava antes em uma escola pública na cidade de Fagundes que só dispõe de aulas de Educação Física para alunos do fundamental II, além disso, está sem tratamento adequado com equipe multidisciplinar há alguns anos. Todos esses fatores associados às limitações já esperadas de acordo com o seu diagnóstico clínico tornam uma pouco mais difícil sua adaptação às aulas, mas definitivamente não impossível.

Porém, mostrou-se muito entusiasmada em participar das aulas, sempre prestando atenção, rindo e socializando. No início seus movimentos eram mais lentos, sem muita coordenação e fora do tempo proposto na música, mas no decorrer dos encontros já não ficava tão cansada e parecia ter ensaiado em casa os movimentos aprendidos nos encontros

anteriores, pois já apresentava mais segurança e desenvoltura, apesar de que na maioria das vezes seus movimentos eram por imitação ou após receber um comando verbal.

Foram colocadas duas músicas (repetidas durante as quatro aulas como forma de fixação): “Cabeça, ombro, joelho e pé” e “Andar devagarinho”, ambas da cantora e apresentadora Xuxa Meneghel, em seguida, solicitei que ouvissem atenciosamente as músicas, vendo se as reconheciam. Quando colocada uma segunda vez foi solicitado que os alunos repetissem os movimentos sugeridos nas canções, que foram escolhidas por serem animadas, populares e por estimular o equilíbrio, coordenação, atenção, memória e socialização da criança.

Ao final de cada aula todos ficavam juntos para tirar uma foto e era um momento muito descontraído, ao final do qual sempre buscava obter o feedback de I.A.A.N., que com movimentos de cabeça, alguns balbucios e um grande abraço, da sua maneira única, me mostrava que tinha gostado de tudo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desse estudo permitiu observar o processo de adaptação de uma criança com síndrome de Down no contexto escolar, bem como contribuir, mesmo que em um curto intervalo de tempo, para o aprimoramento de suas habilidades motoras através de um processo lúdico, que como apresentado na literatura permite uma maior espontaneidade e poder de iniciativa à criança.

No contexto acadêmico esse relato incentivou a busca por autores renomados no que diz respeito à educação física inclusiva e síndrome de Down, assim como, o uso de plataformas a exemplo do Google acadêmico e Scielo que serviram de fonte para realização do aporte teórico.

Além disso, toda oportunidade de trabalhar com crianças é algo desafiador e complexo, ainda mais se ela apresentar algum tipo de deficiência que interfira no seu desenvolvimento neuropsicomotor (DNPM), como é o caso da aluna em questão. Esse atraso no DNPM não deve ser visto como um fator unicamente limitante, mas como algo que se estimulado precocemente e de maneira correta por uma equipe multidisciplinar pode evoluir sem muitas intercorrências.

Foi esse o objetivo do presente estudo que como resultado mostrou que é dever do professor de educação física infantil desenvolver aulas que permitam acessibilidade a todos, de forma que mesmo aqueles que tenham algum tipo de limitação seja ela física ou mental, possam realizar de forma satisfatória todas as atividades propostas, mas que também sejam criativas e diversificadas para manter o interesse do aluno e estimular diferentes aspectos do seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, J.S.; DUARTE, E. **Educação Inclusiva: um Estudo na Área da Educação Física.** *Revista Brasileira de Educação Especial.* Marília, v.11, n.2, p.223-240, 2005.
- ANUNCIACÃO, M.R.; COSTA, M.P.R.; DENARI, F.E. **Educação Infantil e Práticas Pedagógicas para o Aluno com Síndrome de Down: o Enfoque no Desenvolvimento Motor.** *Revista Brasileira de Educação Especial.* 21 (2), 229- 244, 2015.
- BETTI, M.; ZULIANI, L.R. **Educação Física Escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas.** *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte.* São Paulo, v.1, n.1, p.73-81, jan./dez. 2002.
- BULL, M.J. and the COMMITTEE ON GENETICS. **Clinical Report—Health Supervision for Children With Down Syndrome.** *Pediatrics.* 128 (2), 393- 406, 2011.
- BONOMO, L.M.M; ROSSETTI, C.B. **Aspectos Percepto- motores e Cognitivos do Desenvolvimento de Crianças com Síndrome de Down.** *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano.* 20 (3), 723-734, 2010.
- CARVALHO, C.L. **Conteúdos da Educação Física e a Pedagogia de Freinet: Pintando uma Possibilidade para o Aluno com Síndrome de Down.** Dissertação- Mestrado- *Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.* Campinas- SP: [s.n.], 2014.
- CHICON, J.F. **Inclusão e Exclusão no Contexto da Educação Física Escolar.** *Revista Movimento.* Porto Alegre, 14(1), 13-38, 2008.
- CINTRA, R.C.; OLIVEIRA, A.N.; VEIGA, E.C. **As Contribuições do Lúdico no Processo de Desenvolvimento das Crianças com Síndrome de Down na Educação Infantil.** *Revista Horizontes.* 33 (2), 159-166, jul./dez, 2015.
- COPETTI, F. et al. **Comportamento angular do andar de crianças com Síndrome de Down após intervenção com equoterapia.** *Revista Brasileira de Fisioterapia,* São Carlos, v.11, n.6, p.503-507, 2007.
- DARIDO, S.C.; JUNIOR, O.M.S. **Para Ensinar Educação Física: Possibilidades de Intervenção na Escola.** *Editora Papirus,* 2007.
- DAÓLIO, J. **Educação Física Escolar: em busca da pluralidade.** *Rev. Paul. Educação Física.* São Paulo, supl.2, p.40-42, 1996.
- DOWN, J.L.H. **Observations on an Ethnic Classification of Idiots.** *In: London Hospital Reports.* 3, 259-262, 1866.
- GORGATTI, M.G.; COSTA, R.F. da. **Atividade física adaptada.** *Barueri: Manole,* 2005.
- KOZMA, C. **O que é a Síndrome de Down?.** In: Stray- Gundersen K. *Crianças com Síndrome de Down: Guia para Pais e Educadores.* *Editora Artmed.* Porto Alegre, 2ed, 16- 17, 28- 32, 2007.

LEFÉVRE, B.H. **Mongolismo: Orientação para Famílias.** 1988

LIMA, L.J.; BOSQUE, R.M. **A Contribuição da Dança para o Desenvolvimento Integral dos Alunos do Grupo de Dança da APAE-AP.** *Revista Digital Buenos Aires.* 149, Out, 2010.

MATOS, S.B.; SANTOS, L.C.; PEREIRA, C.S.; BORGES, K.S. **Síndrome de Down: Avanços e Perspectivas.** *Revista Saúde. Com,* 3(2), 77-86, 2007.

MENEGUETTI, C.H.Z.; BLASCOVI- ASSIS, S.M.; DELOROSO, F.T.; RODRIGUES, G.M. **Avaliação do equilíbrio estático de crianças e adolescentes com Síndrome de Down.** *Revista Brasileira de Fisioterapia.* 2009,13:230-50.

MOREIRA, L.M.A.; EL- HANI, C.N.; GUSMÃO, F.A.F. **A síndrome de Down e sua Patogênese: Considerações Sobre o Determinismo Genético.** *Revista Brasileira de Psiquiatria.* 22(2), 96-9, 2000.

MOREIRA, L.M.A.; EL- HANI, C.N.; GUSMÃO, F.A.F. **A Síndrome de Down e sua patogênese: considerações sobre o determinismo genético.** *Revista Brasileira de Psiquiatria.* 2000, 22:96-9.

MOREIRA, D.A. **O Método Fenomenológico na Pesquisa.** *Editora Pioneira Thomson.* São Paulo, 2002.

PAZIN, A.C.; MARTINS, M.R.I. **Desempenho funcional de crianças com Síndrome de Down e a qualidade de vida de seus cuidadores.** *Revista de Neurociências.* 2007, 15(4):297-303

ROSADAS, S.C. **Educação Física para Deficientes.** *Revista Atheneu.* Rio de Janeiro, 3ed, 1991.

ROUSE, P. **Inclusion on physical education: fitness, motor and social skills for students of all abilities.** *Champaign, IL: Human Kinetics,* 2010

SILVA, N.L.P.; DESSEN, M.A. **Síndrome de Down: Etiologia, Caracterização e Impacto na Família.** *Revista Interação em Psicologia.* Brasília, DF, 6 (2), 167-176, 2002.

SILVA, E.J. **Principais Dificuldades Encontradas nas Classes Inclusivas de Educação Física, nas Escolas Públicas: Estudo de Caso Sobre Inclusão.** *Universidade de Brasília.* Alto Paraíso, 2013.

TECKLIN, J.S. **Fisioterapia Pediátrica.** *Editora Artmed.* Porto Alegre, 3ed, 2002.

APÊNDICE

APÊNDICE A – PLANO DE AULA

TEMA: Brincadeiras cantadas

PÚBLICO ALVO: 1º ano

DURAÇÃO: 50 min/aula

OBJETIVO GERAL: Utilizar a temática brinquedos cantados a partir da dança

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Estimular o equilíbrio e coordenação
- Estimular atenção, memória e socialização da criança.

METODOLOGIA:

1º Momento:

- Apresentação da proposta
- Ouvir atentamente as músicas colocadas

2º Momento:

- Realizar os movimentos sugeridos na letra da música

3º Momento:

- Feedback dos alunos

RECURSOS UTILIZADOS:

- Aparelho de som